

## A Grécia e a UE



Corrida às caixas multibanco gregas começou no sábado e agravou-se durante a tarde de ontem

## Turistas aconselhados a levar dinheiro. Filas crescem nos multibancos

**Atenas.** Alemanha, Reino Unido, Holanda, Dinamarca, Finlândia e Suécia fazem recomendações aos cidadãos que viajam para a Grécia

PEDRO CALDEIRA RODRIGUES\*  
ABEL COELHO DE MORAIS  
e PATRÍCIA VIEGAS

Alguns países da União Europeia aconselharam ontem os cidadãos que estão a pensar ir para a Grécia de férias a levar dinheiro vivo consigo para o caso de surgirem dificuldades em fazer levantamentos nos multibanco do país. É o caso de Alemanha, Reino Unido, Holanda, Dinamarca, Finlândia e Suécia.

O Ministério dos Negócios Estrangeiros alemão recomendou aos turistas que levem "dinheiro suficiente" para a Grécia e verifiquem com regularidade "as atualizações sobre as recomendações aos viajantes". O ministério britânico alertou para "a possibilidade de os serviços bancários – incluindo processamento com cartões de crédito e em multibancos – serem limitados em toda a Grécia em breve". Já o MNE sueco especifica que "existem informações de que alguns restaurantes e bombas de combustível recusam pagamentos com cartões há algum tempo e exigem pagamentos em dinheiro".

No caso português, o secretário de Estado das Comunidades, José Cesário, declarou ao DN que "não

está posta de parte a eventualidade" de ser emitida recomendação semelhante. Para já, "está a ser recolhida informação junto da nossa embaixada e também dos nossos parceiros europeus" antes de Lisboa tomar uma decisão, indicou o governante português.

No Portal das Comunidades Portuguesas a última atualização de conselhos para a Grécia tinha ontem à tarde a data de 14 de fevereiro de 2014. E entre outras coisas alerta-se para o risco dos carteiristas, de tumultos protagonizados por anarquistas e nacionalistas e para as manifestações antiausteridade.

Na maioria das caixas multibanco do centro de Atenas deixou ontem de haver dinheiro disponível enquanto cresciam as filas nos locais ainda a funcionar. Muitos desconheciam a decisão do BCE de continuar a injetar dinheiro na banca grega. Frente ao Eurobank Ergasias, em ambiente ordeiro, as pessoas em espera deixam passar à frente uma idosa. Muitos levam dois cartões multibanco e recolhem de cada vez o que podem, 200 ou 300 euros. Invariavelmente.

"Não sabemos o que vai acontecer a partir de amanhã", diz um jovem arquiteto, acompanhado por

um amigo. "E como está Portugal?" Ambos revelam apreensão pelo anúncio da convocação de um referendo em torno do programa que Atenas negociou com os credores e subitamente cancelado. "Não sei se vou votar no referendo. Foi convocado muito depressa, temos apenas uma semana, vou ter de pensar. E não estou recenseado em Atenas, provavelmente não votarei." O amigo, também arquiteto, manifesta igual incredulidade. "Não sei qual é a pergunta do referendo, ainda com uma formulação muito vaga. No fundo, julgo que vai ser decidida a permanência na zona euro."

As esplanadas dos cafés e de restaurantes da Rua Metropoleus, zona velha da cidade, estão cheias. Em 2014, a Grécia recebeu 22 milhões de turistas. Este ano desejam mais, uma contribuição vital para uma economia que teima em não reagir. Em dia de tédio e muito calor, Atenas recuperava do debate parlamentar de 14 horas que terminou na madrugada de ontem e em que se aprovou a realização do referendo para 5 de julho. Nele, o primeiro-ministro, Alexis Tsipras, disse: "Ou queremos um país para turistas ou um país com o IVA a 23% para tudo. As duas coisas não são compatíveis".

\* Enviado da Lusa a Atenas

## OPINIÃO

## A revolução grega de 2016



LEONIDAS CHRYSANTOPOULOS  
Embaixador grego reformado,  
membro do EPAM

Após cinco meses de negociações infrutíferas entre a Grécia e os credores, o primeiro-ministro grego atacou as instituições por apresentarem propostas que iriam destruir a Grécia e humilhar o seu povo. Então, ele propôs um referendo para o próximo domingo sobre se o povo grego apoia ou não as propostas da União Europeia. O Parlamento grego aprovou a proposta e o referendo irá agora ser realizado.

As propostas da União Europeia foram rejeitadas porque teriam efeitos devastadores para o país. Antecipavam a redução de salários e pensões, o aumento dos preços dos bens alimentares e outras medidas que afetavam as classes média e baixa.

A União Europeia nunca esperou que o primeiro-ministro grego Alexis Tsipras se atrevesse a convocar um referendo. Agora serão feitas tentativas por parte da União Europeia e de outros círculos para impedir que o referendo aconteça, como em 2010. Christine Lagarde, do Fundo Monetário Internacional, já declarou que o referendo não será considerado válido porque, depois de amanhã, as propostas expiram. O Eurogrupo também rejeitou um pedido da Grécia para estender o seu atual programa até ao referendo. Em consequência disso, a partir desta terça-feira o financiamento da Grécia pelas instituições cessará e a Grécia será obrigada a pagar a sua dívida ao Fundo Monetário Internacional.

Durante a semana serão feitas novas tentativas para criar o pânico, no sentido de impedir as pessoas de aceder às suas contas bancárias e fomentar a instabilidade interna. A União Europeia é boa nisso. Vimos isso em Kiev em dezembro de 2013. Mas existe pânico na União Europeia, onde se está a espalhar o receio de colapso da

zona euro. Se o resultado do referendo for a vitória do "não", então o governo irá informar as instituições da vontade do povo grego. Não é de excluir que o governo denuncie o acordo do empréstimo de 2010, com base nos artigos 48-52 da Convenção de Viena sobre o Direito dos Tratados, que antecipa as condições em que um tratado internacional é nulo. Ele também cobre o caso grego. A denúncia, por escrito, será enviada ao secretário-geral das Nações Unidas, uma vez que é na ONU que está depositada a Convenção de Viena, e a Grécia cessará os seus pagamentos aos credores porque o acordo será nulo. O dinheiro que restar ajudará os gregos no seu caminho da recuperação. O passo seguinte será a saída gradual e ordenada da Grécia da zona euro, o que demorará entre seis meses a um ano. Esta posição é também apoiada pela Frente da Unidade Popular (EPAM), da qual sou membro, e que participará ativamente na campanha pelo "não".

Se o resultado do referendo for a vitória do "sim", então a caminhada da Grécia para se tornar uma colónia será uma realidade.

Estamos a testemunhar um momento incrível: a União Europeia a destruir os seus Estados membros. Ao longo dos últimos cinco anos, os Estados membros da zona euro, a União Europeia como instituição, o Fundo Monetário Internacional, que é só uma agência especializada das Nações Unidas, e os anteriores

governos da Grécia, violaram os tratados internacionais existentes no que respeita aos direitos humanos; o Tratado de Lisboa, o Pacto Internacional dos Direitos Civis e Políticos, a Carta das Nações Unidas, etc.; tornando-se também criminalmente responsáveis por essas violações. Esta não é a nossa União Europeia, não é a União Europeia da Grécia, de Portugal ou de Espanha. É uma aberração.

Eu espero, pessoalmente, que a revolução grega se espalhe e alastre a Portugal, a Espanha e a outros países da União Europeia. Para o bem dos povos da Europa e da humanidade.

Leonidas Chrysantopoulos fez parte da equipa de diplomatas gregos que negociaram a adesão da Grécia à União Europeia

Saída grega do euro demorará entre seis meses e um ano